

A- TÍTULO: O conceito de morte em crianças portadoras de câncer

El concepto de muerte de niños portadores de cáncer

B - CÓDIGO CONFERENCIA: 41cof293965 (nº referencia/ticket 1631013629)

C – ÁREA TEMÁTICA: Psicología y Psiquiatría

D - AUTORES:

Daniella Antunes Pousa Faria<sup>I</sup>

. Eulália Maria Chaves Maia<sup>II</sup> .

E - TITULAÇÃO DOS AUTORES:

I - Psicóloga Especialista em Psicologia da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Mestre em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPGCSA). E-mail: daniella-psi@uol.com.br.

II – Professora Doutora em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: emcmaia@ufrnet.br

F – AUTOR CORRESPONDENTE: Daniella A. P. Faria. **Endereço:** Rua Coronel Luciano Saldanha, 1736, Cidade Jardim, Natal/RN – Brasil. CEP – 59078-390. Fone: 0(XX)84-3217-6478/0(XX) 848805-7033.

G - INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/ Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. Endereço: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/ Centro de Ciências da Saúde)/ Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências da Saúde (PPGCSA) – Rua General Cordeiro de Farias, S/n, 2º Andar, Sala da Secretaria do PPGCSA, CEP – 59012-570 – Natal-RN – Brasil.

## RESUMEN

**FINALIDAD:** Identificar la adquisición y el concepto de muerte de niños portadores de cáncer en etapa no terminal, teniendo como criterios la comprensión o no de la causalidad de la muerte y de los componentes de ese concepto: no funcionalidad, universalidad e irreversibilidad de la muerte. Como finalidad específica el estudio buscó confrontar los datos de la literatura con los hallazgos de esa investigación. **MÉTODO:** Fueron entrevistados 10 niños con cáncer, en etapa no terminal, de ambos sexos, con edades entre 5 y 11 años. Dentro de esa franja etaria fueron analizados 2 niños de las respectivas edades: 5-6-7-9-11. La entrevista fue realizada de manera lúdica, usando marionetas. La guía de la entrevista fue elaborada con base en los datos de las investigaciones tradicionales en el área. **RESULTADOS:** Los niños analizados comprenden la muerte como siendo algo triste, malo y asociado a la enfermedad. Sobre la comprensión de la causalidad de la muerte y de los criterios de ese concepto, los datos revelaron que con 5 años los niños analizados ya comprenden la causalidad de la muerte, con 6 comprenden la no funcionalidad, la universalidad y La irreversibilidad. Ese dato difiere de los estudios tradicionales que aseguran que los niños solo comprenderían estos criterios con edades más avanzadas. **CONCLUSIÓN:** La presencia de la patología parece acelerar el proceso de desenvolvimiento del concepto de muerte en esos niños.

**Palabras Clave:** Concepto de Muerte, Niños, Cáncer.

## ABSTRACT

**OBJECTIVE:** To identify the acquirement and death concept from sick children at a non-terminal cancer phase, taking subjects like comprehension of death causality and his components: non-functionality, universality and irreversibility. The specific objective of this study is comparing literature data with results of the research. **METHOD:** Interview of 10 sick children at a non-terminal cancer phase, of both of sex, between 5 and 11 years-old. Afterwards, there was the interview analysis of 2 children in the age of (each): 5-6-7-9-11 years-old. The interview has been done using little puppets, and his screenplay has been elaborated based on traditional data researches. **RESULTS:** Children understand death like something sad, bad and attached to illness. Data still have revealed that at the age of 5 years old, children already understand death causality, at 6 years old they understand death non-functionality, universality and irreversibility. Those data were different of traditional one which affirm that children only understand those concepts when they are older. **CONCLUSION:** The pathology (cancer) seemed to be an accelerant agent of the death concept developing in those children.

**Key words:** Death Concept, Children, Cancer.

## INTRODUÇÃO

A aquisição do conceito de morte em crianças é apontada como um dos mais importantes princípios organizadores da vida, sendo extremamente significativo para a formação da personalidade e do desenvolvimento cognitivo e afetivo<sup>1-4</sup>. Sendo assim, o ocultamento da verdade sobre a morte pode prejudicar o processo de luto da criança, bem sua futura concepção de morte<sup>5-8</sup>.

Ao abordarem o desenvolvimento do conceito de morte em crianças, as pesquisas o fazem relacionando-o aos diversos estágios do desenvolvimento infantil<sup>1, 6-10</sup> utilizando principalmente a teoria de Jean Piaget. Estas pesquisas apontam como principais componentes deste conceito: a irreversibilidade, a não-funcionalidade e universalidade da morte.

A irreversibilidade refere-se à compreensão de que o corpo físico não pode viver, ou retornar após a morte<sup>9, 11</sup>. A não-funcionalidade diz respeito à compreensão de que com a morte todas as funções vitais (respirar, pensar, sentir, entre outras) se cessarão<sup>9, 11</sup>. A universalidade relaciona-se com a compreensão de que todas as coisas vivas morrem<sup>9, 11</sup>. As crianças que ainda não atingiram a universalidade da morte acreditam que certas pessoas podem não morrer por serem espertas, ou por sorte<sup>5</sup>.

No que se refere a aquisição do conceito de morte em crianças as pesquisas<sup>1, 7, 9, 11, 12, 13</sup> apontam que anterior a 2 anos, as crianças não possuem uma compreensão acerca da morte, pois se encontram no estágio sensório-motor, não distinguindo assim, mundo interno de externo. Ao completar 5 anos, conseguem tornar este conceito mais realista, embora ainda não possuam a compreensão da irreversibilidade da morte, está só se inicia no final do estágio operacional-concreto (7 anos aproximadamente). Dos 6 aos 7 anos, a criança

tende a associar a morte a causas específicas, como velhice, assassinato, doença, mas continua sem a compreensão da irreversibilidade da morte. Na idade de 8 anos a criança se caracteriza por possuir uma aceitação não emocional da inevitabilidade da morte. Aos 9 anos as crianças tendem a relacionar a morte segundo aspectos biologicamente essenciais. Aos 10 e 11 anos a criança compreende que a morte implica em deterioração do corpo. Aos 12 anos revelam interesse pelo que ocorre depois da morte.

Permeando a literatura percebe-se que são poucas as pesquisas, principalmente no Brasil, que estudam se crianças que vivenciam experiências específicas, tais como a presença de uma doença grave, como o câncer, desenvolve este conceito nesta mesma ordem de desenvolvimento. Sendo assim, tendo em vista que algumas pesquisas apontam que a criança terminal pode ter uma concepção mais amadurecida da morte<sup>13-17</sup>, esta pesquisa objetivou identificar a aquisição e o conceito de morte em crianças que possuem câncer em estágio, porém, não terminal, tendo como critérios a compreensão da causalidade da morte e dos componentes deste conceito: não-funcionalidade, universalidade e irreversibilidade da morte. Como objetivo específico o estudo procurou confrontar os dados da literatura com os achados desta pesquisa.

Com estas evidências, o profissional de saúde poderá ajudar de forma mais adequada a criança com câncer compreender as questões referentes a morte e o morrer, respeitando cada etapa que ela vivência, não tentando fazer com que esta se antecipe. Além disso, com estes achados a equipe poderá estar mais preparada para responder com clareza e adequação ao nível de desenvolvimento do paciente as perguntas formuladas por ele.

## **METODO**

### **Sujeitos**

Foram entrevistadas 10 crianças com câncer, em estágio não terminal, de ambos os sexos, com idades entre 5 e 11 anos, que freqüentam a Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva\*. O critério utilizado para escolha dessas crianças, foi o grau de evolução da doença, sendo pesquisadas crianças em estágio não terminal. Dentro da faixa etária, supracitada, foram analisadas 2 crianças das respectivas idades: 5-6-7-9-11. Estas foram escolhidas, exceto a de 11 anos<sup>+</sup>, pelo fato das pesquisas <sup>1, 4, 5, 8, 11, 12</sup> apontarem que nestes períodos ocorrem mudanças significativas na conceituação de morte.

### **Material**

Utilizou-se um roteiro de entrevista baseado em pesquisas já consagradas na área <sup>6, 8</sup>, este continha as seguintes questões: O que é a morte para você? ; Para você quais são as coisas no mundo que podem morrer?; Uma caneta pode morrer? E uma porta pode?; Um animal, por exemplo, um cachorrinho, um passarinho, um peixinho, pode morrer?; E uma pessoa morre, eu, por exemplo, eu posso morrer?; Como você sabe que um animalzinho está morto?; E uma pessoa como você sabe?; Quando alguém está morto pode comer? E respirar?; A pessoa quando está morta pode ouvir as pessoas que estão vivas falando?; Quando uma pessoa morre o que ocorre depois? Ela pode voltar?.

### **Procedimentos Metodológicos**

Inicialmente este projeto foi submetido ao comitê de ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, obedecendo a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e mediante a sua aprovação (Protocolo nº 119/04) o grupo de pesquisadores pediu permissão aos pais para entrevistar as crianças mediante Termo de Consentimento. Após aprovação

dos pais, foram efetuadas as perguntas supracitadas, que foram realizadas de forma lúdica, utilizando fantoches.

### **Análise dos Dados**

A análise dos dados foi efetuada através de Análise Temática<sup>18</sup>. Os dados foram analisados tentando se observar os seguintes pontos: 1 – O conceito de morte em crianças portadoras de câncer; 2 - A compreensão da causalidade; da irreversibilidade, da universalidade e da não-funcionalidade da morte.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados da pesquisa revelaram que as crianças com idades acima de 7 anos possuem um conceito de morte mais aprimorado do que as com idades inferiores. Sendo assim, pode-se afirmar que as crianças analisadas, também desenvolvem o conceito de morte de forma gradual ao longo do desenvolvimento infantil, não se diferenciando, neste aspecto, das pesquisas que analisaram o conceito de morte em crianças sem esta patologia<sup>19</sup>.

Porém, se faz importante ressaltar que como aponta a teoria sócio-histórica o processo de desenvolvimento de um conceito não depende somente da idade cronológica, mas também, das experiências da criança e da aquisição das ferramentas culturais<sup>19</sup>. A importância da experiência de vida ficou em evidência nas respostas das crianças analisadas, que associaram a morte à doença, aos processos de tratamento e a vivência no hospital, que está marcada tão pesadamente em suas histórias de vida. Como exemplo, seguem-se as seguintes falas:

– *Entrevistador: O que é morte para você?*

- (L.P.F – 7 anos ) - “É uma coisa quando a gente tá doente. Pronto, se eu tô com uma doença no coração eu morro”.
- *Entrevistador: Como você sabe quando uma pessoa está morta?*
- (G.K.R – 6 anos ) - “Quando o bandido mata, ou então quando tá no hospital com câncer”.

Em ambos os discursos podem-se perceber que o conceito que as crianças trazem da morte está ligado as suas vivências particulares: ter um câncer, o que confirma a idéia supracitada<sup>19</sup>.

Outro fato que também ficou evidente nas falas das crianças foi que a morte para elas está relacionada a algo ruim e triste. Esta percepção da morte pode ser compreendida como reflexo da realidade cultural na qual estas crianças já tão cedo estão imersas. Realidade esta, característica do séc. XX em que o homem tenta negar e ocultar a morte, pois esta é percebida como injusta, ruim<sup>7, 20, 21, 22</sup>. Toda esta realidade cultural é transmitida a criança, que absorve estes dados culturais e constroem um conceito negativo de morte.

No que se refere a compreensão da causalidade da morte e dos componentes deste conceito, ou seja, não-funcionalidade, universalidade e irreversibilidade da morte, evidenciou-se os seguintes resultados:

### **Compreendendo a Causalidade da Morte:**

Segundo os estágios propostos por Piaget é no período pré-operacional (2 –7 anos aproximadamente) que a criança começa a adquirir a noção de causa e efeito<sup>2</sup>. Todavia, este critério só vem a se solidificar no final deste estágio, por volta dos 6/7 anos de idade. Portanto, teoricamente a criança só poderia compreender a causalidade da morte, se ela já



tiver atingido este estágio. Porém, no que se refere aos resultados desta pesquisa, as crianças analisadas já compreendem este critério a partir de 5 anos de idade.

A justificativa para este resultado pode ser explicada pela vivência particular destas crianças, em que constantemente passam por procedimentos traumáticos, tratamentos dolorosos e até mesmo presenciam a morte de outras crianças. Todas estas vivências podem servir como catalisadoras no processo de compreensão da causalidade da morte, corroborando mais uma vez com a teoria sócio-histórica<sup>19</sup>, para o qual não existem estágios pré-fixados de desenvolvimento, pois não existiria natureza humana, ou seja, não existiria um homem apriorístico, não havendo, portanto, uma natureza em cada homem (natureza que determina suas possibilidades), mas sim realidades construídas a partir de experiências culturais. Para esta teoria o que determina a aquisição de um conceito não depende somente da idade cronológica, mas as experiências culturais dos sujeitos<sup>19</sup>.

Em todos os discursos das crianças entrevistadas percebeu-se a compreensão deste critério enfatizando como causa da morte a doença e a velhice, o que poderia nos levar a concluir que crianças portadoras de câncer compreendem a causalidade da morte a partir dos 5 anos de idade. Porém, ao se realizar generalizações em relação à compreensão de qualquer um destes componentes do conceito de morte, pode-se cair em erros, pois há a possibilidade desta realidade retratada não se constituir numa amostra significativa. Todavia, ao se generalizar apenas para a amostra pesquisada, pode-se afirmar o citado acima. Ressalta-se ainda que este dado vem contrariar algumas pesquisas tidas como tradicionais<sup>1, 11, 23</sup>, segundo a qual a causalidade da morte só vem a ser compreendida e adquirida pelas crianças, a partir dos 6 e 7 anos de idade.

### **A compreensão da Não-funcionalidade:**

A compreensão deste critério está intimamente relacionada à compreensão da oposição entre objetos animados e inanimados, pois para compreendê-lo a criança necessita ter claro que os seres animados possuem funções vitais e que estas um dia se cessarão, tendo como consequência a morte.

Quanto avaliação desse item, as crianças pesquisadas, com idades a partir de 6 anos, compreendem claramente a oposição entre animados e inanimados. Como exemplo, seguem-se as seguintes falas:

- *Entrevistador: Uma caneta pode morrer? E uma porta Pode? Porque?*
- J.N.M (6 anos) – “Não. Não Também, porque não tem vida”.
- V.B.O (11 anos) – “Não. Não também. Porque ela não vive. Ela pode se quebrar. Meu pai quebrou uma porta lá em casa com um chute”.
- *Entrevistador: E uma pessoa morre, eu, por exemplo, posso morrer?*
- J.N.M (6 anos) – “É claro”.
- F.B.C (11 anos) – “Pode, todo mundo um dia morre”.

Estes resultados, em que crianças já aos 6 anos compreendem a não-funcionalidade da morte difere dos resultados dos estudos tidos como tradicionais<sup>1, 10, 11</sup>, para os quais este critério não pode ser compreendidos por crianças tão jovens.

Além disso, as seqüências discursivas das crianças entrevistadas permitiram observar que estas compreendem que ao morrer o ser permanece imóvel, não conseguindo respirar, falar ou sentir cheiros, como mostram as seguintes falas:

- *Entrevistador: Como você sabe que um animalzinho está morto?*
- F.H.J (7 anos) – “Porque ele fica mucho, mufado”. *Como assim mufado?* “Fica mole”.

- U.M.C (9 anos) – “Quando ele para de respirar e de bater o coração”.

Observou-se ainda que não existiram maiores diferenças nas respostas das crianças do que se pode ou não morrer, sendo os animais, as pessoas e as plantas, os primeiros a serem mencionados.

Há uma peculiaridade que não pode ser deixada de lado, pois 95% das crianças entrevistadas apresentaram dúvida, quando questionadas sobre a capacidade do morto em escutar os vivos. Esta dúvida pode ser representada pelo seguinte discurso abaixo:

- *Entrevistador: A pessoa quando esta morta pode ouvir as pessoas que estão vivas falando?*
- G.K.R (6 anos) – “Pode. Minha mãe manda eu rezar pras alma”. *Mas o corpo quando está morto ele pode ouvir?* G.K.R (6 anos) – “Sei não”.

Este discurso nos sugere que, provavelmente, este escutar o qual estas crianças estão se referindo é fruto da crença popular ou religiosa, de que os espíritos podem ouvir as pessoas falando. Este aspecto pode ser explicado como reflexo da crença na qual estas crianças estão imersas: a crença em uma vida espiritual, tão presente na cultura brasileira. Além disso, em se tratando de crianças com câncer, verifica-se que, por estas crianças estarem vivenciando, mais objetivamente, a iminência da morte, é comum seus pais rezarem mais continuamente, e terem uma forte crença religiosa em busca de que alguma ‘força superior’, possa curar seus filhos. Este dado pode ser uma possível explicação para a dúvida da questão supracitada. Sendo assim, esta evidência não se constitui um indício de que estas crianças ainda não compreendem a não-funcionalidade da morte.

No que se refere as crianças de 5 anos que foram entrevistadas, percebe-se uma certa confusão acerca da oposição entre animado e inanimado, não possuindo ainda a compreensão de quais as coisas podem morrer.

### **A questão da Universalidade da morte:**

A compreensão deste critério pela criança também está relacionada à compreensão da oposição entre animados e inanimados, e conseqüentemente, da apreensão da não-funcionalidade da morte<sup>5</sup>. Assim, para a compreensão da universalidade da morte a criança necessita realizar generalizações, pois só após esta etapa que a criança poderá estabelecer relações entre morte e humanidade, em uma categoria no qual ela própria está incluída.

Ressalta-se, porém, que se evidenciou que uma criança aos 5 anos, (V.L.A), já compreende a oposição entre animados e inanimados, compreendendo que os primeiros podem morrer. Além disso, percebe-se que esta criança já consegue realizar pequenas generalizações, entendendo que a morte é universal para alguns animais e seres humanos.

Como exemplo segue-se a fala abaixo:

- *Entrevistador: Para você quais são as coisas no mundo que podem morrer?*
- V.L.A (5 anos) - “Gato, cachorro, pessoa”. *Só?. É, só isso.*
- *Uma caneta pode morrer? E uma porta pode? Porque?*
- V.L.A (5 anos) - “Não. Não. Porque né de verdade”.

Este dado difere das pesquisas tradicionais para as quais este critério só poderá ser compreendido por crianças a partir dos 7/8 anos de idade<sup>1, 4, 11</sup>. Todavia se faz importante salientar que as crianças analisadas com idades acima de 7 anos compreenderam este critério de forma mais integral, emitindo um conceito mais elaborado. Este dado pode ser justificado pelo fato de que neste estágio as crianças adquirem condições intelectuais de compreender de forma mais efetiva seu corpo e sua doença<sup>24</sup>. Como exemplo segue-se a seguinte seqüência discursiva:

- *Entrevistador: Para você quais são as coisas no mundo que podem morrer?*

- V.B.O (11 anos) – “Cachorro, gato, a gente, as plantas, os animais todos, as plantas todas. Todas as coisas que nascem, cresce, reproduz e morre”.

### **A Irreversibilidade da morte:**

Os resultados revelaram que as crianças analisadas já possuem a compreensão deste critério a partir dos 6 anos de idade, dado este que novamente se diferenciou dos estudos tradicionais<sup>1, 9, 10, 11, 12</sup>, para os quais este critério só pode ser compreendido aos 7 anos de idade, pois é só no estágio das operações-concretas que a criança possuiria condições de representar a reversibilidade, ou seja, de reverter mentalmente um tipo de raciocínio. Como exemplo da compreensão deste critério por estas crianças destacam-se as seguintes falas:

- *Entrevistador: Quando uma pessoa morre o que ocorre depois? Ela pode voltar?*
- J.N.M (6 anos) – “De noite a alma vem pra assombrar nós”. *Mas a pessoa assim como eu e você de carne e osso pode voltar?*. J.N.M (6 anos) – “Assim não, só pode se for a alma”.
- V.B.O (11 anos) – “Pode, mas só se for em outro mundo”. *E no nosso mundo pode?*. V.B.O (11 anos) – “Pode não

As respostas acima poderiam nos levar a supor que as crianças acima não possuem a compreensão deste critério, já que estas mencionaram que há algo que retorna à terra após a morte. Todavia, quando foi refeita a pergunta à estas crianças, (*Mas, assim, a pessoa, como nós estamos aqui, pode voltar a viver depois que morre?*) elas afirmaram que o que pode voltar a viver é o espírito. Desta forma, este dado não se constitui um indício da não compreensão da irreversibilidade da morte, sendo este, portanto, uma crença religiosa, produto da realidade cultural na qual estas crianças estão imersas.

## CONCLUSÃO

Neste estudo verificou-se que crianças que possuem uma doença grave, como o câncer, parecem adquirir mais cedo os componentes determinantes para compreensão do conceito de morte. Sendo assim, a presença da patologia pareceu agir como um agente catalisador, acelerando o processo de desenvolvimento do conceito de morte. Finalmente, foi possível constatar que a teoria de Piaget parece não se configurar como esboço completo para o conhecimento da compreensão da criança sobre a morte, uma vez que, esta teoria enfatiza o desenvolvimento cognitivo independente das experiências vivenciadas<sup>25</sup>. Por fim, destaca-se que esta pesquisa corroborou com as pesquisas que apontam que o conceito de morte pode ser modelado por diversas variáveis, dentre as quais se destaca a experiência de uma doença grave<sup>25, 26</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Kane, B. Children's Conception of Death. *Journal of Genetic Psychology* 1979; 134: 373-386.
2. Piaget, J. Problemas de psicologia genética. Rio de Janeiro: Forense; 1973.
3. Kastenbaum, R., Aisenberg, R. Psicologia da morte. São Paulo: Pioneira-ed. da Universidade de São Paulo; 1983.
4. Bomberg, MHPF; Kovács, M.J, Carvalho, MMM, Carvalho, VA. Vida e Morte: Laços de existência. 2ª. Edição. São Paulo: Casa do psicólogo; 1996.
5. Kovács. MJ. Morte e desenvolvimento humano. 2ª edição. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1992.
6. Torres, WC. A criança diante da morte – desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1999.
7. Torres, WC. O tabu frente ao problema da morte. *Arquivos Brasileiros de psicologia* 1979; 31(1): 31-41.
8. Nunes, DC, Carraro, L, Jou, GI., Sperb, TM. As crianças e o conceito de morte. *Psicologia, Reflexão e Crítica* 1998; 11(3): 579-590.
9. Speece, MW, Brent, S. Children's understanding of death: a review of three components of death concept. *Child Development* 1984; 55: 1671-1686. [Medline]
10. Gesell, A, Ilg, Fl, Ames, LB. El adolescente de 10 a 16 años. Buenos Aires: Piados; 1971.
10. Hansen, Y. Development of the concept of death: cognitive aspects [Tese de Doutorado]. California: California School of professional psychology; 1972.

11. Aberastury, A. A percepção da morte na criança e outros escritos. Porto Alegre: Artes Médicas; 1984.
12. Chiattonne, HBC. A criança e a morte. In: Camom, V. A. A, organizador. E a psicologia entrou no hospital. São Paulo: Pioneira Thomson Learning; 2001. p. 69-106.
13. Waechter, E. Children's awareness of fatal illness. American Journal of Nursing, 1971; 71: 1168-1172.
14. Spinetta, J, Rigler, DJ, Karon, M. Personal space: a measure of dying child's sense of isolation. Journal of Consulting and Clinical Psychology 1974; 42: 751-756.  
[Medline]
15. Cotton, CR, Range, L. Children's death concepts: relationship to cognitive functioning, age, experience with death, fear of death and hopelessness. Journal of Clinical Child Psychology 1990; 19: 123-127.
16. Bolduc, J. A developmental study of the relationship between experiences of death and age and development of the concept of death [Tese de doutorado]. Ann Arbor (Michigan): Columbia University; 1972
17. Demartini, ZBF. História da vida na abordagem de problemas educacionais. In: Simson, O. M. V., organizador. Experimentos em história de vida. São Paulo: Revista dos tribunais; 1988. p. 25-40.
18. Vygotsky, LS. Pensamento e Linguagem. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes; 1998.
19. Ariès, P. Sobre a História da morte no Ocidente – desde a Idade Média. Lisboa: Teorema; 1989.



20. Ariès, P. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1990.
21. Sebastiani, RW. O ideal de cura no hospital e as manipulações da morte. In: Chiattonne, HBC, Andreis, M, organizadores. Os Limites da vida. Serviço de Psicologia. São Paulo: Santa casa de São Paulo; 1993. p. 34-37.
22. Cousinet, R. L'idée de la mort chez enfant. J. Psychol: 1939. p. 65-75
23. Kuler-Ross, E. On Children and Death. Nova York: Macmillan; 1983.
24. Torres, WC. O conceito de morte em crianças portadoras de doenças crônicas. Psicologia, Teoria. e Pesquisa 2002 maio/ago; 18(2):.221-229.
25. Bibace, R, Walsh, ME. Development of children's conceptions of illness. Pediatrics 1980; 66: 912-917.

## **NOTAS**

\* A Casa de Apoio à Criança com Câncer Durval Paiva é uma instituição sem fins lucrativos, que ampara e atende a criança e o adolescente portador de câncer, oferecendo auxílio para aquisição de medicamentos, passagens e próteses, além de tratamento odontológico, psicológico, atividades sócio-educativas e lazer.

+ Os autores aqui citados apontam que há uma mudança significativa quanto a aquisição do conceito de morte em crianças de 12 anos de idade. Todavia, durante o período que foi realizado esta pesquisa não se encontrou nestas instituições crianças desta faixa etária, sendo então pesquisadas crianças de 11 anos de idade.